Casais e Famílias em Transformação: compreensão de seu território e suas memórias

Maria Cecilia Veluk Dias Baptista[1]

RESUMO

A presente aula propõe apresentar aspectos relevantes da dinâmica de casais e famílias que buscam psicoterapia, frequentemente motivados por situações de estagnação, conflito ou sofrimento relacional. Em diversos contextos clínicos, observa-se que esses sistemas chegam à terapia quando seus recursos de diálogo, negociação e reorganização já não são suficientes para lidar com as tensões. Assim, o espaço terapêutico passa a funcionar como campo de reflexão e experimentação, no qual novas formas de compreensão e ação podem emergir.

Nesse sentido, serão apresentadas estratégias sociodramáticas articuladas a perspectivas trans-teóricas, ampliando o olhar sobre os sistemas interconectados que constituem casais e famílias. O psicodrama, ao favorecer a ação e a experiência compartilhada, permite que aspectos implícitos das relações se tornem visíveis e simbolizáveis. O diálogo com outras abordagens teóricas enriquece a leitura clínica, considerando múltiplos níveis de análise — emocionais, históricos, culturais e contextuais dos vínculos familiares.

Um ponto central refere-se à influência dos estressores nos eixos vertical e horizontal do sistema familiar. O eixo vertical diz respeito às heranças transgeracionais, memórias, crenças, lealdades e padrões relacionais transmitidos ao longo das gerações. O eixo horizontal relaciona-se às transições do ciclo de vida e aos acontecimentos que marcam o percurso dos indivíduos e das famílias. A intersecção desses eixos contribui para a construção da subjetividade e para a configuração dos sistemas conjugal e familiar.

O estudo das relações exige uma perspectiva de complexidade. Casais e famílias podem ser compreendidos como um mosaico de elementos interligados, em constante transformação. Esses elementos devem ser situados historicamente, por meio da memória, e contextualizados territorialmente, a partir do reconhecimento dos ambientes sociais e culturais em que vivem

Palavras-chave: Sistema familiar. Sociodrama. Transgeracional. Contextos. Transformação.

---

[1] Psicóloga. Psicodramatista Didata Supervisora – Nível 3. Potenciar.

1 INTRODUÇÃO

A autora apresentará como as transformações sociais atuais repercutem diretamente na organização das famílias e nas dinâmicas relacionais que se apresentam no contexto clínico. A família contemporânea enfrenta novos desafios na construção da conjugalidade, da parentalidade e da transmissão simbólica entre gerações.

Por meio de vivência sociodramática os(as) congressistas compreenderão como *território, memória e transformação* constituem dimensões interdependentes. A integração dessas dimensões possibilita compreender a complexidade das relações familiares e favorecer processos terapêuticos que promovam mudanças nos vínculos e nas histórias famíliarea.

O território situa a família no contexto das redes sociais e culturais, refere-se ao contexto relacional e social. Não é apenas um espaço físico, mas um espaço simbólico e cultural constituído pelas redes de pertencimento, relações e condições históricas. O território inclui tanto o *microcosmo familiar*, onde se estruturam os vínculos primários, quanto o *macrocosmo social*, onde se articulam os sistemas mais amplos da sociedade. Como apontam os estudos sistêmicos e a teoria da complexidade de Edgar Morin (2005), o indivíduo e a família não podem ser compreendidos fora desses contextos.

A memória conecta as gerações e organiza os significados da história familiar. Constitui o eixo que conecta as gerações e sustenta a continuidade das histórias familiares. A memória familiar se expressa nas narrativas transmitidas entre gerações, nos valores, crenças e padrões relacionais que atravessam o tempo. No psicodrama moreniano, essa dimensão relaciona-se à matriz de identidade, que sustenta os vínculos e a constituição da identidade dos indivíduos.

A transformação abre possibilidades para a construção de novas formas de vínculo e convivência. Refere-se à possibilidade de mudança que emerge quando as famílias conseguem compreender e ressignificar suas histórias e padrões relacionais.

A integração entre a abordagem sistêmica e o psicodrama cria um espaço terapêutico no qual os membros da família revisitam suas histórias, dramatizam experiências significativas e constroem novas narrativas sobre si mesmos e sobre seus vínculos. Esse processo possibilita a quebra de padrões repetitivos multigeracionais e favorece o surgimento de novas formas de relação.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O conceito de *sofrimento social* refere-se à articulação entre indivíduo e sociedade, conectando diferentes níveis da experiência humana: *o microcosmo e o macrocosmo, o privado e o público, o singular e o coletivo*. A experiência subjetiva de cada pessoa é constituída nas relações com os sistemas sociais e familiares nos quais está inserida. Dessa forma, o sofrimento individual muitas vezes expressa tensões presentes nas redes de pertencimento que estruturam a vida social.

A perspectiva sistêmica compreende que os fenômenos humanos devem ser entendidos dentro de *contextos relacionais,* são parte de padrões de comunicação e interação que se organizam dentro dos sistemas nos quais as pessoas vivem. Assim, o que aparece como sintoma individual frequentemente revela *padrões relacionais do sistema familiar.*

Nesse sentido, o movimento entre o singular e o coletivo ocorre de maneira constante: o que se manifesta no indivíduo repercute na dinâmica familiar e, ao mesmo tempo, os padrões familiares influenciam profundamente a experiência subjetiva de cada membro. A família constitui um sistema inserido em redes sociais mais amplas, compondo o *macrossistema social*. Essa interdependência entre níveis relacionais aproxima-se também da visão de Jacob Levy Moreno (1999), que compreendia a existência humana como inserida em uma rede relacional mais ampla, vinculada ao macrocosmo.

Moreno (2020) desenvolveu o conceito de *átomo social*, definido como o conjunto das relações significativas de um indivíduo em determinado momento da vida. Esse conceito permite compreender como os vínculos se organizam na rede relacional da pessoa e como

essas relações influenciam a constituição da identidade e do comportamento. A partir do átomo social, torna-se possível compreender também o *átomo familiar*, ou seja, a estrutura de vínculos que sustenta o sistema familiar.

Na terapia familiar sistêmica, diversos autores aprofundaram a compreensão da família como sistema relacional. Murray Bowen (1991) concebeu a família como um sistema emocional interdependente, no qual os padrões relacionais são transmitidos entre gerações.

Dentro dessa perspectiva, **McGoldrick, Gerson e Petry** (2012) definem a família como um sistema emocional que envolve pelo menos **três gerações**, que precisam adaptar-se simultaneamente às mudanças do ciclo de vida de seus membros. Cada etapa do *ciclo de vida familiar* exige reorganizações nas relações, nos papéis e nas fronteiras familiares. Quando essas transições não são elaboradas adequadamente, podem surgir sintomas, conflitos ou paralisações no funcionamento familiar.

Outros autores sistêmicos contribuíram para ampliar essa compreensão. Minuchin (1990), destacou a importância *do território*, das *fronteiras, subsistemas e hierarquias familiares* na organização das relações. Quando essas estruturas se tornam rígidas ou difusas, podem surgir dificuldades no funcionamento familiar e no desenvolvimento dos indivíduos.

Na abordagem contextual (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK,1983), destaca-se a importância das **lealdades invisíveis** e das dimensões éticas das relações familiares. As famílias são atravessadas por compromissos intergeracionais que influenciam as escolhas, os vínculos e os conflitos entre seus membros.

Também Andolfi (2023) enfatizou o papel do *transgeracional* e da dimensão simbólica da família, ressaltando que os sintomas individuais muitas vezes expressam tensões presentes na história relacional do sistema familiar. Seguindo essa mesma ideia Schutzenberger (Maciel,2025) apresenta a importância da psicogenealogia, para a compreensão de como traumas de nossos antepassados não resolvidos afetam os comportamentos e dinâmicas da família atual.

Na abordagem pós-moderna da terapia familiar, McNamme e Gergen (2020) enfatiza a importância do *diálogo colaborativo*, onde o processo terapêutico é um espaço de construção conjunta de significados. Nessa perspectiva, a terapia tornar-se um espaço de *construção de novas narrativas relacionais.*

No cenário atual, marcado por rápidas transformações sociais, tecnológicas e culturais, as famílias enfrentam novos desafios. A compreensão do *ciclo de vida familiar* torna-se um instrumento importante para identificar em que momento do desenvolvimento a família se encontra e quais desafios específicos estão presentes. Muitas vezes, os sintomas que levam uma família à terapia estão relacionados a dificuldades de transição entre etapas do ciclo de vida.

Um recurso fundamental nesse processo terapêutico é o *genograma*, instrumento desenvolvido por Bowen (1991) e ampliado por McGoldrick, Gerson e Petry (2012). O genograma permite representar graficamente a estrutura familiar ao longo das gerações, possibilitando visualizar padrões de relacionamento, eventos significativos, alianças, conflitos e repetições intergeracionais.

Ao integrar o genograma às contribuições do psicodrama moreniano, surge a possibilidade de utilizar o *genodrama* (Baptista, 2012), metodologia que permite dramatizar as relações familiares e tornar visíveis os vínculos intergeracionais.

A dramatização das histórias familiares possibilita que os membros da família representem papéis, conflitos e eventos significativos, criando o que Moreno denominou *locus nascendi*, um espaço de emergência de novas experiências e significados. Ao revisitar cenas do passado e reconstruir narrativas familiares na presença dos demais membros, abre-se espaço para a *ressignificação da história familiar*.

A teoria moreniana oferece, portanto, instrumentos importantes para compreender a vida relacional por meio de dois conceitos centrais: o *átomo social*, que representa a rede

atual de relações significativas, e a *matriz de identidade*, que se refere à história dos vínculos e aos processos de constituição da identidade.

Dessa forma, a integração entre *teoria sistêmica e psicodrama* amplia as possibilidades de compreensão e intervenção no campo da terapia familiar. Ao articular conceitos como ciclo de vida familiar, transmissão intergeracional, átomo social, genograma e genodrama, torna-se possível criar um espaço terapêutico que favoreça a transformação dos padrões relacionais e a construção de novas formas de vínculo na família contemporânea.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas transformações sociais contemporâneas, compreender a família exige um olhar que integre diferentes campos do conhecimento. A teoria da complexidade de Edgar Morin (2005) nos lembra que os fenômenos humanos não podem ser reduzidos a explicações lineares, pois se constituem em uma trama de relações interdependentes entre indivíduo, família e sociedade. Essas transformações repercutem diretamente na organização das famílias e nos desafios enfrentados pelas gerações contemporâneas. Nesse contexto, as contribuições de Moreno tornam-se especialmente relevantes ao enfatizar a dimensão relacional da existência humana e a possibilidade de transformação por meio da espontaneidade e da criatividade, com o reconhecimento de territórios e ressignificação das memórias familiares.

4. BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, H. ***Conversação, linguagem e possibilidades: uma abordagem pós-moderna da terapia.*** São Paulo: Roca, 2012.

ANDOLFI, M; MASCELLANI, A. ***Intimidade de casal e tramas familiares***. São Paulo: Artesã, 2023.

BAPTISTA, M C V D. ***Revisitando as histórias familiares por meio do genodrama.*** IN BAPTISTA, M C V D (Org). ***O palco da Espontaneidade – Psicodrama Contemporâneo.*** São Paulo: Roca, 2012. P. 211-219

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. ***Lealdades invisíveis***. São Paulo: Cultrix, 1983.

BOWEN, M. ***De la familia al individuo: la diferenciación del self en el sistema familiar.*** Barcelona: Paidós, 1991.

MACIEL, M.; PERROTA L. ***Repetimos o que não reparamos. Um guia de psicogenealogia e terapia transgeracional.*** Porto (Portugal): Albatroz, 2025

McGOLDRICK, M; GERSON, R.; PETRY, S. ***Genogramas***. Porto Alegre: Artmed, 2012.

McNAMEE, S; GERGEN, K. J. ***A terapia como construção social***. São Paulo: Instituro Noos, 2020.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. ***Técnicas de terapia familiar***. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MORENO, J. L. ***Psicoterapia de grupo e Psicodrama.*** Campinas: Livro Pleno, 1999.

MORENO, J. L. ***Sociometria- Método experimental e a ciência da sociedade***. São Paulo: FEBRAP, 2020

MORIN, E. ***Introdução ao pensamento complexo***. Porto Alegre: Sulina, 2005.